

# MENORES EM CONFLITO COM A LEI E A SUBJETIVIDADE (RE)VELADA POR MEIO DA ARTE E DA LITERATURA

MINORS IN CONFLICT WITH THE LAW AND  
SUBJECTIVITY (RE)VEILED THROUGH ART AND  
LITERATURE

LOS MENORES DE EDAD EN CONFLICTO CON LA  
LEY Y LA SUBJETIVIDAD (RE)VELADA POR  
MEDIO DEL ARTE Y DE LA LITERATURA

 10.5935/2177-6644.20230015

Letícia Lazzari \*

 <https://orcid.org/0000-0002-7866-2560>

Viviane Diehl \*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-2042-1393>

Izandra Alves \*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-6063-3753>

**Resumo:** Este texto apresenta uma intervenção artístico-literária em uma unidade socioeducativa que teve a poética da palavra, da imagem, do traço como mecanismos possíveis para os adolescentes olharem para si mesmos e verem-se para além da privação de liberdade. Assim, como é possível compreender a interferência da literatura e da arte na subjetividade de adolescentes afastados do convívio social e em privação de liberdade? Como resultados, destacam-se a participação e envolvimento ativos com efetiva presença dos adolescentes nas oficinas, demonstrando em cada olhar e expressão, como também nos relatos positivos feitos por eles e pelos agentes socioeducadores, que o propósito humanizador e socioeducativo com a literatura e a arte foi contemplado.

**Palavras-Chave:** Socioeducação. Artes visuais. Literatura. Subjetividade.

**Abstract:** This text presents an artistic-literary intervention in a socio-educational unit that used the poetics of the word, the image, the trace as a possible mechanism for teenagers to look at and see themselves beyond the deprivation of liberty. So, how is it possible to understand the interference of literature and art in the adolescents' subjectivity while they are away from social life and in deprivation of liberty? As a result, we highlight the adolescents' active participation and involvement during the workshops, demonstrating in every look and expression, as well as in the positive reports made by them and by socio-educational agents, that the humanizing and socio-educational purpose with literature and art was accomplished.

**Key-words:** Socio-education. Visual arts. Literature. Subjectivity.

**Resumen:** Este texto presenta un trabajo con el arte y la literatura en una unidad de intervención socioeducativa que tuvo la poética de la palabra, del imagen y de la raya como mecanismos posibles para los adolescentes mirarse adentro y ver más allá de la privación de libertad. Así, se pregunta: ¿Como es posible comprender la interfeerencia que tienen la literatura y el arte en la subjetividad de jóvenes alejados de la convivencia social y en privación de libertad? Como resultados se destacan la gran participación de ellos en los encuentros, cuando se pudo ver en sus miradas, además de sus relatos y de los socioeducadores, que el fin humanizador y socioeducativo con la literatura y el arte fué logrado.

**Palabras-clave:** Socioeducación. Artes visuales. Literatura. Subjetividad.

---

\* Mestra em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).  <http://lattes.cnpq.br/5923324207769520> - E-mail: [letilazzari@gmail.com](mailto:letilazzari@gmail.com).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Educadorartista em Artes/Cerâmica nos cursos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS - Campus Feliz).  <http://lattes.cnpq.br/3362993760927367> - E-mail: [viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br](mailto:viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br).

\*\*\* Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS - Campus Feliz).  <http://lattes.cnpq.br/2162221571302635> - E-mail: [izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br](mailto:izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br).

## Introdução

Como é possível medir o grau ou o nível de interferência que possui a arte na vida das pessoas? Como o contato com obras, elementos artísticos e palavras em forma de arte podem afetar a maneira como cada um olha para si e interage consigo mesmo e com o outro? Ainda, como ocorre essa interferência quando quem mantém esse contato são adolescentes que estão afastados do convívio social e em privação de liberdade por conta de estarem em conflito com a lei e, por isso, cumprem medidas socioeducativas em unidade de internação?

Em busca de responder a esses questionamentos, este artigo discute, dentre outras questões, a importância que têm a arte e a literatura na trajetória de meninos privados de liberdade, em unidade socioeducativa. Pelo fato de estarem em uma posição de invisibilidade social, na grande maioria dos casos, não há interesse dos órgãos responsáveis em promover ações que os coloquem em uma perspectiva positiva com relação à sociedade e/ou a eles próprios. Nesse sentido, quando surgem projetos que contribuem para o desenvolvimento de intervenções artístico-literárias nas unidades de socioeducação, os responsáveis aceitam os desafios e abrem as fortes e pesadas portas para a entrada da palavra e da arte, instantaneamente, saem o preconceito e a intolerância para com os habitantes desse espaço e é possível ver além dos muros. A partir daí, dá-se lugar às possibilidades para que, despidos de julgamentos e rótulos, os meninos se permitam visitar a si mesmos e, quem sabe, encontrar possibilidades de seguir adiante.

Descrevemos, então, uma ação realizada no centro de assistência socioeducativa CASE, da cidade de Caxias do Sul/RS, que colocou a literatura e a arte a serviço do resgate dos adolescentes do armário da invisibilidade, da insignificância, da baixa autoestima e da destituição da glória - termos estes usados pelo pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2019), em estudo sobre grupos excluídos da sociedade contemporânea, principalmente, com relação à produção científica. Em trabalho conjunto com a equipe técnica da instituição, com professores e gestores da escola Paulo Freire, que existe dentro da unidade, e parceiros dos projetos 'Experiências de leitura compartilhadas' e 'Artistando, ceramicando e muito mais', do IFRS, *Câmpus Feliz*, adentramos "no escuro armário", com o intuito de levar a palavra, a imagem em sua poética e potencialidade reflexiva, o traço em suas múltiplas linhas e a expressão dúbia e imprecisa para os garotos que nem sempre têm a oportunidade de contatar com tais linguagens de arte. Por mais que a sociedade da lógica, do lucro, da velocidade e da precisão insista que não se perca tempo com o que considera perdido, a literatura e a arte se unem para afirmar seu compromisso com a humanização dos sujeitos, sejam eles "os mocinhos" ou aqueles que desviam-se do caminho; é dever de instituições

públicas, através de projetos de ensino, pesquisa e extensão abrir espaços, oferecer oportunidades e promover o resgate.

Para tanto, alguns pressupostos teóricos orientam o percurso metodológico que seguimos. Assim, as reflexões que trazemos neste texto, a partir das oficinas realizadas na unidade socioeducativa, são elaboradas com base nas teorias da leitura, da arte, educação, da antropologia e da filosofia.

### **Literatura e arte na socioeducação: contextualização**

Com o intuito de esclarecer a alegoria do armário aqui mencionada, faz-se necessário apresentar o conceito “epistemologia do armário”, discutido por Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2019). Segundo ele, trata-se da prática de esconder/abafar/ocultar/menosprezar os sujeitos que, segundo os conceitos da sociedade patriarcal, machista, tradicional, racista e preconceituosa, são “insignificantes” e “destituídos de glória”, apagando suas formas de existir e resistir (ALBUQUERQUE JR., 2019, p. 46). Isso ocorre com relação a muitas categorias minoritárias da sociedade, como, por exemplo, mulheres, grupos racializados e LGBTQIAP+. Da mesma forma, devem ficar presos no armário da produção do conhecimento - e muito distantes da sociedade que se autodefine como “de bem” - os que se desviaram da conduta moral ditada pela norma socialmente aceita e cometeram crimes de qualquer espécie, independentemente de ser criança, adolescente ou adulto. Mas, principalmente, se for preto e pobre; esses, mais do que quaisquer outros, devem ser banidos da história e servir de exemplo aos demais, pois, antes de seres humanos, são infratores, bandidos, seres indignos de atenção.

O apagamento relacionado intimamente com questões raciais, sociais e de gênero exclui esses grupos das políticas públicas e sociais a que têm direito e, ao mesmo tempo, por conta do fomento à discriminação que recebem através dos meios de comunicação social e do senso comum, são vítimas de inúmeras formas de violência, que se manifestam através da negação de direitos e demandas básicas que lhes são garantidas por lei, mas não são cumpridos.

No caso dos que se encontram privados de liberdade no CASE de Caxias do Sul/RS, essa negação parece ser intensificada. Tal situação ocorre, talvez, pelo fato de que, em sua maioria, os que ali habitam são adolescentes negros e pobres que vivem na região da Serra Gaúcha, local majoritariamente habitado por descendentes de europeus – que, em grande número, infelizmente carregam esta marca como um troféu que lhes fazem sentir superiores com relação aos afro-brasileiros ou indígenas, por exemplo. Essa forma de pensar, agir e gerir carrega em si os

pressupostos da colonialidade. Essa afirmação é pertinente porque, conforme teoriza o peruano Aníbal Quijano (2005), mesmo que a colonização tenha acabado no viés político e geográfico, ela persiste no cultural e social, renomeada como colonialidade.

A colonialidade surge, de acordo com Quijano (2005), do resultado do que se constituiu como colonialismo moderno, que nada mais é do que a maneira como as formas de trabalho se articulam com o conhecimento, o mercado capitalista mundial e a ideia de raça. Nesse sentido, os estudos do autor dialogam com nossa experiência na unidade socioeducativa no que diz respeito à descendência dos ocupantes que lá estão, pois são, majoritariamente, negros, representantes dos dominados e, por isso, considerados inferiores. A maioria é pouco letrada e afastada da diversidade que a arte proporciona, além de não terem tido acesso às distintas manifestações culturais locais, pois a eles nunca chegou tal oportunidade.

A ideia de raça segundo o estudioso foi o argumento que legitimou as relações de dominação do conquistador sobre o conquistado (QUIJANO, 2005). De lá para cá, é o capitalismo enquanto nova estrutura de controle do trabalho que articula os processos de exploração e expropriação, incluindo a escravidão moderna e a servidão aos que detêm o controle econômico; esses últimos sendo os que ditam quem terá acesso a isso ou a aquilo. Essa forma de poder, além de garantir a exploração de uns sobre os outros, alimentam relações de subserviência e classificações de padrões ditados por quem domina tanto o campo econômico quanto o artístico e cultural. Essa reflexão dialoga com o que constatamos com os adolescentes que participaram das oficinas; eles tinham dificuldades em reconhecer o texto poético e seu valor estético e a fotografia enquanto arte, com potencial e valor artístico. Sabemos que esses adolescentes são vítimas do grande projeto que há na necropolítica (MBEMBE, 2018), que anda de braços dados com a colonialidade (QUIJANO, 2005), sua estratégia de ação. Trata-se de um projeto de sociedade excludente que nega a eles o direito à educação pública de qualidade e acesso a diferentes bens culturais, mas que abre as portas dos presídios com livre passagem.

Esse processo parece se reafirmar cada vez mais e, assim, sustenta as chagas coloniais que nunca curam. Dentre essas feridas abertas está o pensamento racista e xenofóbico, que impede a instalação de uma nova ordem cultural de pensar a sociedade. A região de colonização italiana no sul do Brasil parece reservar um espaço bem delimitado aos colonizados: os subempregos ou as instituições totais (GOFFMAN, 1974).

Assim, ao trazermos uma experiência realizada com um grupo de aproximadamente quarenta adolescentes - que fazem parte do grupo colocado “no armário” - que tiveram contato com

a arte e a literatura, queremos abrir esse móvel para que dele possam sair não menores infratores e seres insignificantes, mas seres humanos, adolescentes com direitos, sonhos, desejos, aspirações e, acima de tudo, possibilidades. Ao levar em consideração que a arte é o resultado das relações entre a natureza/o mundo e os seres, reitera-se que, desde sempre, ela possui a relevante capacidade de interferir na humanidade, seja para tornar o mundo um lugar mais habitável e humano ou para, impulsionado por ela, buscar outros modos, desvendar, descobrir o que há no que se vê e como essas descobertas podem ter sentido para sua transformação e evolução.

Essa curiosidade é o que move os seres que desde sempre viam na arte muito mais do que a contemplação do belo, do estético, mas, sim, uma forma de luta pela sobrevivência. Como, então, as manifestações da arte podem, de alguma maneira, fazer sentido para adolescentes que estão privados de liberdade? Que curiosidade eles podem ter em querer contatar com atividades ou práticas artísticas? De que forma a arte da palavra pode constituir-se como marcador social da diferença na vida desses meninos?

A fim de descrever o espaço de realização da atividade extensionista aqui apresentada, cabe trazer ao presente o estudo do antropólogo Ervin Goffman (1974), que define instituições carcerárias ou a socioeducativa com a qual trabalhamos, a fundação CASE, por exemplo, como sendo uma instituição total. O autor utiliza essa denominação explicando que, nessas unidades, as normas são comuns a um determinado grupo que, em isolamento social, segue as regras de uma outra pequena equipe, a de supervisão. Assim, todos os aspectos e atividades da vida, como dormir, brincar, estudar, se alimentar são realizados no mesmo local, com horários definidos e sob uma mesma autoridade.

Nesse sentido, o caráter total da instituição é definido pelo grau de fechamento ou isolamento que tem para com o mundo exterior. Os muros e as grades são características físicas desse espaço. Segundo o autor, esse tipo de instituição total “é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas, assim isoladas, não constitui o problema imediato: cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração” (GOFFMAN, 1974. p. 17). Ainda, segundo afirma o autor, essas instituições funcionam como uma estufa para mudar pessoas. Assim, são tidas como experimentos naturais sobre o que podem vir a fazer consigo mesmas no futuro.

O CASE seria, então, segundo as considerações de Goffman (1974), um laboratório que prepara os jovens para uma vida exterior. Dessa forma, atuar nessa estufa, mesmo que por um curto período é, também, ser responsável pelo agir e ser do grupo de adolescentes que, dentro do tempo

de cada um, sairão da instituição total e voltarão para as outras tantas instituições que compõem a sociedade. Lá fora é que, seguramente, poderemos ver os resultados dos experimentos realizados na instituição total. Contudo, o tempo em que cada adolescente permanece na instituição é diferente. Também não são iguais às atividades que a eles foram oferecidas, tampouco as vivências e experiências internas de cada um. No caso das ações que desenvolvemos, por exemplo, foram dois encontros com cada grupo. A estufa atua, então, de modo diferente em cada corpo.

Um apontamento de Goffman (1974) que pensamos ser pertinente mencionar aqui é quando ele discute sobre o comportamento de supervisores para com os internados. Diz ele que essa relação é hostil e que os primeiros tendem a ser superiores e corretos e, os segundos, inferiores, fracos, censuráveis e culpados. De acordo com nossas observações durante o período em que estivemos em planejamento e em execução das atividades na instituição (são mais de sete anos de atividades extensionistas na unidade de Caxias do Sul), não percebemos com clareza a confirmação dessa ideia defendida pelo autor. Talvez porque nem sempre essa autoridade e supremacia era externalizada em palavras, porém, por vezes, se fazia ver por meio das normas às quais os meninos eram submetidos: andar em filas, não muito próximos, e passar por revistas ao sair da sala da ação. No entanto, o que se vê, constantemente, são técnicos, professores e instrutores comprometidos com atividades que podem ser, a curto e a longo prazo, importantes para os adolescentes reconstruírem a si mesmos e planejarem seus futuros.

Contudo, mesmo que possa haver momentos em que o sistema programado para vigiar e punir insista em fazê-los sentir-se fracos, expostos em suas intimidades e, por vezes, inferiores, notamos que os garotos insistem em não aceitar essa condição. Na atividade da oficina com a fotografia e o desenho, eles utilizaram a expressão corporal, o traço e a palavra como forma de resistência e de vida em meio ao caos do confinamento, terminologia empregada na pesquisa de Alice Áurea Penteado Martha (2011), ao abordar a leitura na prisão como possibilidade de coerência em meio à desarmonia. Nos desenhos e nas contribuições que os meninos fizeram a partir das leituras realizadas, percebemos o quão a estufa, mencionada por Goffman (1974), realmente pode contribuir para que os meninos se (re)construam e planejem suas vidas lá fora.

A ação aqui descrita, então, procura apontar possibilidades de respostas a essas questões na medida em que também traz à academia uma responsabilidade: a de abrir os portões da instituição total ou, então, destrancar as portas do armário para esses grupos que precisam de visibilidade, respeito e ações reais de resgate. As universidades públicas têm o dever de propor ações que contribuam para a remição e para o redirecionamento do olhar a adolescentes vítimas de um sistema

familiar e educacional falidos.

Por esse motivo, adentrar em espaços onde a maioria da sociedade deseja não estar e insiste em trancafiar os que, pelos piores motivos, ali estão, é sinal de resistência. Arte e literatura resistem ao descaso e à indiferença, à desumanização provocada pela sociedade que supervaloriza o consumo e o lucro a qualquer preço e que, hipocritamente, condena e pune os mais fracos e deixa ilesos e cobertos de glória os que possuem a chave do armário.

Neste sentido, não é possível discorrer sobre um trabalho que trata da literatura e da arte em um espaço não formal de leitura como uma unidade de socioeducação sem trazer à tona o direito à literatura preconizado e defendido por Antonio Candido (2017). O autor defende a democratização do acesso à literatura assim como o direito à saúde, à alimentação e à moradia. Contudo, infelizmente, vivemos em um país que não cuida, não educa e tampouco alimenta fisicamente seu povo, assim, não podemos esperar que a leitura ou mesmo a arte (que abordamos nesse texto) sejam valorizadas como atividades de primeira necessidade, ainda mais para um grupo que sofre os efeitos do que Foucault (2013) define como microfísica do poder ou, indo mais além, do necropoder, como destaca Achille Mbembe (2018).

Sobre a microfísica do poder, Foucault (2013) explica que ele é fragmentado e distribuído em rede, e que tem em seus agentes a tarefa de disciplinar, vigiar e punir os mais vulneráveis do sistema. No caso que aqui discutimos, os adolescentes estão, enquanto privados de liberdade, sob o jugo desse controle. Para o autor, a representação desse poder está disseminada na sociedade e, por isso, torna-se mais fácil de atingir diretamente a população socialmente vulnerável. Os agentes do micropoder estão representados por professores, policiais, pastores, agentes penitenciários etc., que controlam e definem as vidas daqueles com os quais mantêm relações diretas. Assim, os grandes representantes do poder maior, chamado por ele de macropoder, têm nessa rede o apoio de que necessitam para sustentar e legitimar sua política.

Já o pesquisador camaronês Achille Mbembe (2018) vai além da questão aqui discutida, pois, para ele, esse esquema de poder é sustentado pela necropolítica, onde o que regula as sociedades colonizadas - como é o caso do Brasil e, mais especificamente, a região da Serra Gaúcha, onde os adolescentes sujeitos desta ação estão inseridos - é o racismo. Segundo o autor, a geografia da morte criada por este sistema é que define quem vive e quem morre. Assim, se é preto e pobre, as chances de estar em uma instituição socioeducativa e em privação de liberdade são muito maiores. Então, enquanto o francês fala em biopoder e o controle da vida, o camaronês fala no controle da morte, o necropoder.

Nesse contexto, arte e literatura se fazem urgentes na defesa da vida e do direito de ser, de estar e de pertencer. Por conta disso, ao perceber a leitura como elemento essencial aos sujeitos, estão os estudos de Duarte Júnior (1994) acerca da arte e da sua íntima relação com a humanidade. Diz ele que “[...] a arte está com o homem desde que este existe no mundo, ela foi tudo o que restou de culturas pré-históricas” (DUARTE JÚNIOR, 1994, p. 136). Assim, se a arte é uma das atividades que sempre andou lado a lado com a evolução humana e por meio dela se pode compreender o mundo, ela é, então, muito mais do que um recurso estético; é, ainda, sob o prisma do autor, facilitadora de descobertas, de motivações, de curiosidades, de tensões, de limites e de construção de conhecimentos para lidar com os desafios, as fragilidades e as rupturas que se interpõem na vida cotidiana.

Quando o artista compartilha a arte, seja pela exposição, intervenção ou proposição, ele apresenta as produções artísticas nas mais diversas possibilidades; oferece lugares possíveis para relações e diálogos acontecerem. São entre-lugares (BHABHA, 2013) como espaços livres de interação, de tempos próprios, onde as relações se constituem. “Em outros termos, o que ele produz, em primeiro lugar, são relações entre as pessoas e o mundo por intermédio dos objetos estéticos” (BOURRIAUD, 2011, p. 59). Assim, as obras artísticas operam num contexto de interações culturais pessoais, coletivas e com o mundo, configurando processos relacionais e de conhecimento.

É, então, em diálogo com esta linha de pensamento que vê a arte como um processo que instiga, que desacomoda, que move (e comove) quem com ela tem contato, que o trabalho desenvolvido na unidade de socioeducação unindo arte e literatura teve como propósito educativo a capacidade de contribuir para o processo criativo dos sujeitos enquanto seres ativos na e da sociedade, e, principalmente, enquanto possibilidade de contribuir para o resgate da humanização, tão em crise na atualidade.

Assim, vemos e defendemos a literatura e o acesso à arte como direitos imprescindíveis para o ser humano, pois se constituem como possibilidades de abranger manifestações universais de todos os tempos e de todos os povos. Através delas, é possível perceber e compreender a expressão singular de cada cultura, a partir da qual cada sujeito pensante ressignifica sua realidade por meio da ficção e/ou manifestação artística.

Além disso, a literatura e as distintas manifestações artísticas movimentam em nós sensações, percepções, emoções e o pensamento através de sua estética, na medida em que apresentam a compreensão do mundo e a expressam em palavras, traços, melodias, movimentos, imagens; nos pondo diante de questões, como as problemáticas sociais, a fim de contestar, interagir,

mediar, conflitar, denunciar etc. É, portanto, dessa forma que, no caso da literatura, ela possui um poder de humanização importantíssimo, definido por Antonio Candido (2017) como um:

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que consideramos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2017, p. 179).

Logo, acreditamos que essa potência que a literatura tem age através da relação de alteridade entre memórias, livros e histórias que o ato de ler proporciona. No caso das artes, do mesmo modo, essa humanização se faz por intermédio do contato com as manifestações artísticas e, por meio desse diálogo, somos convidados a resgatar nossos referenciais e a repensar a nossa própria identidade. No texto escrito pelo outro, na imagem que vemos na fotografia, na pintura da tela, na partitura musical, no movimento do corpo que baila, na expressão do rosto que interpreta, entre outras, é que reconhecemos outros que, por vezes, pensam de modo diferente de nós. Aceitando e respeitando o discurso proferido pelo outro, repensamos sobre o que realmente somos, encontramos o nosso próprio texto/imagem/reflexo na produção escrita e/ou artística produzida pelo outro e reconhecemos aspectos da nossa própria identidade.

Ao encontro dessa discussão está o que poeticamente defende Alberto Manguel (2008) sobre as histórias e o poder que têm de alimentar nossa mente a ponto de nos mostrar quem somos, ou então, que simplesmente existimos. Essa tomada de consciência do leitor de textos verbais e não verbais é, segundo Manguel (2008), essencial para a construção/reconstrução da subjetividade. Contudo, essa conscientização só se desenvolve ao confrontar-se com a voz alheia, voz essa que reconhecemos e que também nos faz perceber como participantes de um processo que não é finito, mas que está sempre em (trans)formação. Assim, a leitura do texto literário e o contato com as diferentes manifestações artísticas mostram-se como métodos eficazes de percepção mútua e capazes de interferir positivamente em nossas emoções e (re)construções de subjetividades, pois ao confrontar com o outro, confronto-me.

É quase unânime o discurso de que é difícil olhar-se no espelho e admitir o que vemos de nós mesmos. Ainda mais se, trancafiados no armário da invisibilidade, da insignificância e da não provisão de glória (ALBUQUERQUE JR, 2019), nos for reforçado a todo o momento o quão negativa é essa imagem reproduzida de nós. Então, é melhor começarmos a nos olhar através do outro ou do resultado de suas produções.

## Adentrar no espaço socioeducativo: o olhar que ressignifica

Pensando nessa estratégia é que escolhemos trabalhar a temática da identidade com os adolescentes privados de liberdade através da arte: a da palavra e a da imagem. Descrevemos, então, as duas oficinas de aproximadamente duas horas cada uma, realizadas no espaço socioeducativo. Destacamos que aconteceram dois encontros em cada turno para poder atender os garotos de acordo com a organização da instituição. Cada momento foi atenta e cuidadosamente planejado em conjunto com as equipes da escola e da instituição socioeducativa. O intuito de possibilitar aos adolescentes o encontro com textos verbais e não verbais que permitissem o olhar para si mesmos foi sempre o principal objetivo da atividade, pois acreditamos que, conforme explica Michèle Petit (2009), eles são as pontes de acesso para o resgate de memórias, de histórias e de afetos que interferem na constituição do que somos e que apontam para onde seguiremos.

### Oficina 01

Como primeiro passo, de olhos vendados, os quinze adolescentes circularam pelo espaço da sala, aguçando seus sentidos, a fim de perceberem e observarem, silenciosamente, o movimento do outro: ouvindo e sentindo a presença na ausência da percepção visual, conforme é possível notar nas imagens abaixo (Figuras 1 e 2). Os movimentos acompanhavam uma música em distintas intensidades. O que se pode notar foi a criação de estratégias que dizem muito sobre a sobrevivência deles na instituição total. Como forma de solução para o conflito que se instalou, eles agruparam-se, deram as mãos, buscaram no outro um apoio para caminhar, para circular, para realizar os movimentos que permeavam a proposta. Ao fim da música, deveriam parar e encontrar um companheiro, tentando identificá-lo através do tato e do olfato.

**Figuras 1 e 2:** Nas duas imagens, os adolescentes vendados exploram o espaço.



*Fonte:* Arquivo pessoal das pesquisadoras.

A conversa sobre como se sentiram realizando essa caminhada e identificando o outro sem poder ver, limitados por uma venda nos olhos, teve a participação da maioria, que descreveu como vivenciaram a experiência. De acordo com seus relatos, viram-se perdidos, com medo de cair, limitados, receosos, confusos e inseguros. Alguns, sem coragem de se aventurar e explorar o espaço, permaneciam quase imóveis, enquanto outros buscavam o apoio dos companheiros para seguirem juntos. O fato de tentar descobrir características do outro sem poder vê-lo e o receio da aproximação física possibilitou a discussão sobre os juízos de valor que fazemos do outro sem conhecê-lo, da mesma forma, quando rotulamos a nós mesmos a partir de um determinado acontecimento. Quando lemos os poemas *Auto-retrato*, de Mário Quintana e *Retrato*, de Cecília Meireles, ambos que tratam do tema identidade e passagem do tempo, ampliamos a conversa sobre a impossibilidade de dizermos quem realmente somos, pois estamos sempre em transformação.

Como forma de trabalharmos a ideia da fotografia enquanto possibilidade de captar nossa identidade em um dado momento, o fotógrafo profissional Josué Guilherme Simon Braun, que integrou a equipe do projeto, apresentou parte de seu material artístico fotográfico para que os meninos pudessem manusear, observar e contemplar acerca da arte da fotografia. Muitas perguntas surgiram sobre o processo de construção do trabalho do fotógrafo, a profissão, bem como curiosidades sobre os lugares e as pessoas nas imagens. Conversamos sobre a compreensão do que é apresentado na fotografia, os aspectos da composição da imagem e os sentidos que atribuímos ao que vemos.

Como sequência da oficina, os meninos foram desafiados a serem fotografados produzindo uma expressão corporal pessoal que traduzisse um pouco de si mesmo, sob o olhar do fotógrafo que registrou. A proposta foi que cada um criasse duas poses: uma que não revelasse o rosto, – uma identidade velada – que, de alguma forma, mostrasse sinais de quem eles realmente eram e, a outra, que fotografasse sua fisionomia tal qual se revela diante de todos. O que vimos foi uma grande empolgação em realizar as fotos. Ao subirem no palco, no cenário improvisado, e se posicionarem diante da câmera e da iluminação, os meninos se fizeram crianças curiosas que desejavam provar da arte da fotografia, ao mesmo tempo em que queriam mostrar algo de si que gostam e apreciam, conforme percebemos na imagem abaixo (Figura 3). Observavam o resultado, trocavam ideias com o fotógrafo para avaliar a imagem que, por vezes, era aprovada ou retomada.

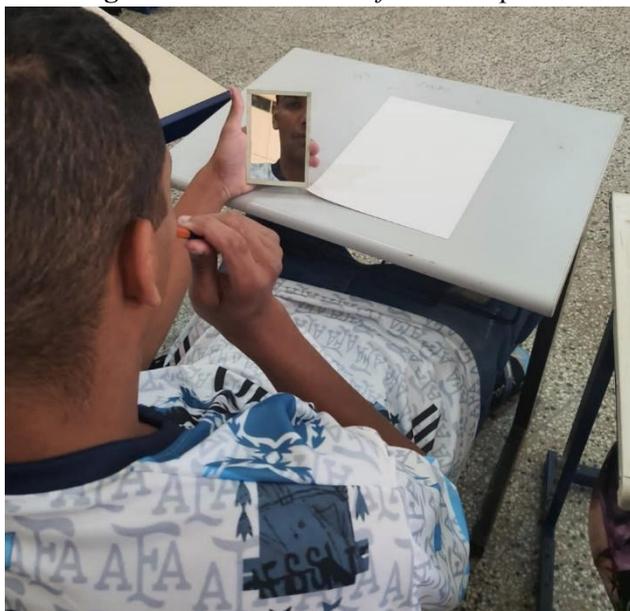
**Figura 3:** Os meninos avaliando as fotografias com o fotógrafo.



*Fonte:* Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Conforme terminavam as suas fotos, recebiam um espelho para que olhassem sua imagem refletida e, em uma folha, eram convidados a reproduzir sua imagem observada no espelho: uma *selfie* desenhada por eles mesmos, conforme mostra a imagem 4 (Figura 4). Alguns, um pouco resistentes, já começavam afirmando que não sabiam desenhar, que não conseguiriam, mas fomos orientando e buscando incentivar para que fizessem o desenho. O desafio de olharem-se e retratar-se foi maior e mais difícil para alguns. O que queriam revelar? O que queriam ocultar? O que sabem mostrar de si para o outro? Como se veem? Como reproduzem suas imagens?

**Figura 4:** Desenho da *selfie* com espelho.



*Fonte:* Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Através da leitura do conto *A menina da fotografia*, de José Vecchi de Carvalho, discutimos a temática da arte da fotografia como possibilidade de dizer quem somos em um determinado momento, além de despertar no observador sentimentos que lhe permitem recuperar memórias, histórias, afetos, cheiros e sabores. Após a conversa, distribuimos aleatoriamente envelopes com as fotografias impressas que foram realizadas no encontro anterior; orientamos que observassem e descobrissem quem eram os fotografados, para então, entregar as fotos aos seus donos. Esse momento foi muito emocionante para quem estava acompanhando a oficina.

**Figuras 5 e 6:** Fotografias dos adolescentes pelo fotógrafo Josué Guilherme Simon Braun.



Fonte: Arquivos do fotógrafo Josué Guilherme Simon Braun.

Os olhares curiosos e desconfiados foram sendo tomados pelo encantamento e deslumbramento por conta de se verem e se sentirem bonitos nas fotos tiradas por um artista (fotógrafo profissional) e impressas em tamanho A4. Os comentários giraram em torno da grande diferença que existe entre um leigo tirar uma foto e um profissional da arte da fotografia fazer tal trabalho. Comentavam que queriam ficar com a fotografia e queriam mandar para a família. Cada menino recebeu a sua fotografia colorida impressa como memória do encontro. O que se sobressaiu nos registros foram as tatuagens, muito recorrentes nos corpos dos meninos e que trazem múltiplos sentidos, relacionados à família, à religiosidade, aos grupos de pertencimento.

Na atividade final da oficina, os garotos deveriam realizar uma proposta para construir suas marcas de identidade, de certo modo, a criação de “tatuagens”, na reprodução de sua imagem, a partir da foto. Para isso, sobrepondo uma lâmina de acetato transparente sobre a sua imagem

fotografada, com caneta preta específica para o desenho, registraram a sua própria imagem e criaram suas marcas identitárias “tatuadas” (Figuras 7 e 8). Depois, a fotografia foi substituída por uma folha A4 colorida escolhida por cada um, que revelou o desenho criado por eles.

**Figuras 7 e 8:** Jovens desenhando sobre folha de acetato a partir da fotografia do autorretrato com as marcas identitárias



*Fonte:* Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Expomos os trabalhos no centro da sala para que eles pudessem ver o resultado dos trabalhos de todos os participantes, como pode ser visto nas Figuras 9 e 10. Admiravam com orgulho seus desenhos e obtiveram reconhecimento do que foi produzido pelos colegas.

**Figuras 9 e 10:** Desenhos sobre folha de acetato finalizados.



*Fonte:* Arquivo pessoal das pesquisadoras.

Ficou evidente que os efeitos que sofremos a partir da experiência (tanto os jovens quanto nós) ficaram refletidos em nossas emoções, em nossa maneira de ver o outro e o mundo. Assim como explica Larrosa (2011), a leitura é uma experiência de linguagem e de pensamento; uma experiência emocional onde está em jogo a sensibilidade, os nossos sentimentos. Da mesma forma, a experiência estética da arte nos envolve e faz retornar ao que nos constitui. Assim, são esses elementos que compõem a nossa subjetividade e, a partir deles, nós construímos e reconstruímos a cada dia.

O que fizemos nesse encontro com os adolescentes do CASE foi possibilitar, primeiramente, que cada um pudesse olhar a si mesmo, ver-se, (co)mover-se e (re)construir-se a partir das experiências estéticas que tiveram com textos, fotografias, músicas, desenhos, corpo, movimento e materiais compartilhados durante os encontros. Essa foi, certamente, uma forma de suspender a condição de privação de liberdade, no caso dos meninos, e de pesquisadoras regradas pela academia, no nosso caso, para podermos nos reinventar por meio das linguagens de expressão artística. O que realmente é relevante na experiência não é o que disse o autor, o que o artista quis expressar nem o que possamos dizer sobre, mas como o que eles disseram, escreveram, fotografaram e/ou fizeram poderá afetar, contribuir, formar, deformar ou transformar nossas próprias percepções, palavras e ações. A experiência vivida deve contribuir, ainda, para colocar em questão os nossos sentimentos e pensamentos a partir da arte e da literatura, gerando transformações.

### **Considerações finais**

Estar em um espaço onde a liberdade física está em privação é desafiador para educadores das artes e da literatura. Isso porque essas disciplinas possuem, por natureza, um caráter livre, desprendido, com possibilidades de expansão, não somente de pensamentos e ideias, mas um corpo em liberdade, em constante movimento. Assim, a transgressão e suspensão do espaço de confinamento nesta atividade que realizamos com esses meninos deram-se através das imagens que eles permitiram surgir, sejam elas imaginárias ou as que ficaram registradas na materialidade, como memória física desse rompimento de verdades, de crenças e de projeções distorcidas de si.

Em duas semanas de encontros com a literatura, a fotografia e o desenho, adolescentes e mediadores guardaram muitas imagens em suas memórias que registram para si e para a sociedade que os trancafia neste lugar físico que é o CASE, mas também em muitas normas e regras que

formam blocos invisíveis e impenetráveis. As imagens construídas ou reconstruídas, então, mostram o quanto eles são capazes de romper as barreiras do preconceito e da discriminação a que são submetidos por fazerem parte do grande projeto de necropolítica de que fala Mbembe (2018).

Por meio dessa perspectiva interdisciplinar - no sentido de abranger arte, literatura e língua portuguesa - e interseccional - no fato de colocarmos em pauta os marcadores sociais que atravessam a história dos meninos com os quais trabalhamos -, propomos o redescobrir do conhecimento não hegemônico, a fim de desconstruir a ideia de que as unidades socioeducativas atendem quem não quer e não merece aprender com qualidade e que, por isso, não é preciso colocar a arte e a literatura em evidência. Quando gestores - como esses do CASE Caxias do Sul/RS - acreditam na potente interferência da inutilidade da arte - valendo-nos do conceito de Nuccio Ordine (2016) - e da literatura na vida dos adolescentes, a visibilidade acontece e, o que antes era somente desprezo, ódio e violência, pode dar lugar à empatia, à reconstrução e às possibilidades.

Os relatos que fizeram acerca do resultado das oficinas, tanto os agentes socioeducativos quanto os professores, foram totalmente positivos e, por vezes, emocionantes. Segundo as informações que acolhemos, a maioria dos adolescentes que participaram das atividades nunca tiveram fotos profissionais, ainda mais dando destaque a características muito pessoais que cada um revelou no momento da foto, ainda que velada. Ver seu corpo (ou parte dele) sendo representado artisticamente mostrou ou delegou valor a algo que talvez eles nunca tenham dado importância: a si mesmos. Ao receberem as imagens impressas coloridas ou em preto e branco, os olhares brilharam e projetaram sentimentos positivos com relação a si próprios. Naquele momento, não eram os menores em conflito com a lei que estavam ali, eram adolescentes com rosto, com sorrisos, com marcas registradas que os identificavam como sujeitos pertencentes a um mundo, a um grupo ou a uma família, sem os rótulos sociais, e fora do armário, livres para expressarem quem realmente são naquele momento.

O resultado do encontro entre os adolescentes, a palavra, o desenho e a fotografia comprova a necessidade urgente de rompimento com o que Aníbal Quijano (2005) chama de colonialidade do saber, que hierarquiza o conhecimento de acordo com as regras convencionais da sociedade dominante, eurocêntrica, branca e patriarcal, que supervaloriza determinados saberes e menospreza outros, quase sempre levando em consideração fatores como classe social, cor e gênero. Assim, o trabalho com a poesia, com a fotografia e com o desenho ofereceu aos adolescentes em privação de liberdade - vozes insurgentes da nossa realidade aqui descrita - possibilidades de vivenciar a arte e a experiência estética como uma ação política e cultural que se abre como estratégia de emancipação,

primeiramente, pessoal e, como consequência, também social. Esses adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em unidade de internação, em sua maioria, pretos e pobres, puderam, então, experienciar o contato com a arte, que possibilitou reconhecer o que possuem de melhor: eles mesmos e suas identidades em revisitação e reconstrução permanentes.

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **O tecelão dos tempos**: o historiador como artesão das temporalidades. São Paulo: Intermeios, 2019.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 6ª Ed. - Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 3ª Ed. - Campinas: Papirus, 1994.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 26ª Ed. - São Paulo: Graal, 2013.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Trad. de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MANGUEL, A. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. Trad. de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MARTHA, A. A. P. **Leituras na prisão**. Maringá: EdUEM, 2011.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Rio de Janeiro: Edições n.1., 2018.
- ORDINE, N. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

*Recebido em: 03 de março de 2023.*

*Aprovado em: 20 de abril de 2023.*